



**Escola Secundária  
Inês de Castro**  
CANIDelo VILA NOVA DE GAIA



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO



## **RELATÓRIO FINAL**

**DA**

## **COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INTERNA**

**ESCOLA SECUNDÁRIA DE INÊS DE CASTRO**

**2015 – 2016**

Prosseguindo a consolidação do processo de autoavaliação, com o presente Relatório, elaborado de acordo com os objetivos gerais da avaliação interna, procura-se a melhoria permanente da avaliação, quer como instrumento de diagnóstico regulador e promotor da qualidade, quer como instrumento de reflexão crítica partilhada. De acordo com o previsto no seu Regimento Interno, a Comissão de Avaliação Interna (CAI) da Escola Secundária de Inês de Castro (ESIC) apresenta, assim, o Relatório Final referente ao ano letivo 2015/2016, que, depois de posto à consideração do Conselho Pedagógico e do Conselho Geral, deverá ser colocado ao dispor de toda a comunidade escolar.

Tal como nos relatórios anteriores, as linhas orientadoras do presente são as decorrentes do Referencial de Autoavaliação Interna da ESIC, depois de acordados com o Diretor os Domínios, assim como os Campos de análise e Parâmetros a analisar. Por forma a dar prossecução aos objetivos propostos, esta CAI desenvolveu o seu trabalho seguindo a metodologia definida desde o ano letivo 2011/12, como se especifica.

1. No que respeita ao domínio **Resultados**, procedeu-se à análise documental relativa aos campos:
  - 1.1 **Resultados académicos**, de acordo com o previsto no critério “Percentagem de sucesso” e em função dos indicadores “Alunos que transitaram/admitidos a exame” e “Diferencial entre avaliação interna/externa”;
  - 1.2 **Resultados sociais**, considerando os critérios “Percentagem de sucesso pessoal” e “Cumprimento de regras”, segundo os indicadores “Alunos que entraram no ensino superior” e “Dados do Programa de combate à indisciplina” (PCI).
2. Por outro lado, o foco de análise centrou-se no domínio **Prestação de serviço educativo**, para o que se aplicaram questionários aos docentes das disciplinas em que se verificaram piores resultados, quer no primeiro quer no segundo períodos letivos, no âmbito dos campos:
  - 2.1 **Planeamento e articulação**, de acordo com critério “Trabalho colaborativo” e em função dos indicadores “Elaboração de planificações/fichas/testes” e “Práticas de diferenciação pedagógica”;
  - 2.2 **Práticas de ensino**, com vista à aferição dos critérios “Adequação” e “Eficácia”, no âmbito do indicador “Medidas de apoio”.
3. Finalmente, no domínio **Liderança e gestão**, e na sequência de questionários aplicados e de propostas apresentadas à Direção em anos anteriores, contou-se com o contributo de toda a comunidade escolar, dado que foi auscultado o pessoal docente, o discente, os encarregados de educação (EE), os assistentes técni-

cos e os operacionais (AT/AO). Embora tendo sido aplicados questionários que consideram campos distintos, visto que os destinatários eram também distintos, todos eles visavam aferir o indicador “Grau de satisfação interna e externa”, de acordo com o que se segue:

**3.1** no caso do pessoal docente, consideraram-se dois campos **Liderança**, aí se considerando os parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, e **Gestão**, considerando-se o parâmetro “Horários e distribuição de serviço”;

**3.2** no que a alunos, EE e AT/AO diz respeito, e dentro do campo **Gestão**, os critérios em análise foram “Práticas de organização”, “Adequação” e “Eficácia”.

Saliente-se ainda que, quer nos questionários direccionados aos docentes quer nos direccionados aos assistentes, foi ainda considerado o campo **Resultados sociais**, concretamente no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita.

Atendendo a que o seu plano de ação prevê a consolidação dos mecanismos de autoavaliação, a CAI tem procurado desenvolver uma metodologia com características de investigação/ação para, através de conhecimento tão fundamentado quanto possível, produzir intervenções mais adequadas e eficientes, de modo a procurar criar as condições necessárias à mudança e/ou melhoria que se deseja. Para além da análise documental e dos questionários aplicados, também os contactos não intencionais e informais continuaram a ser uma metodologia considerada, na medida em que permitem ter uma visão mais alargada da escola no seu todo. Por isso mesmo, algumas das reflexões apresentadas resultam, precisamente, da aplicação desta metodologia.

Finalmente, convirá recordar o que se tem vindo a frisar em relatórios anteriores – à CAI apenas compete apresentar dados e sugestões que abram perspectivas sobre caminhos a seguir. Assim, e na sequência do que neste Relatório se apresenta, caberá ao Diretor, se o entender necessário, solicitar propostas conducentes a planos de melhoria para os domínios analisados.

## 1. RESULTADOS ACADÉMICOS E SOCIAIS DOS ALUNOS

**1.1** Da análise dos **Resultados acadêmicos**, e tendo em conta as taxas de sucesso verificadas na ESIC e as verificadas a nível nacional (Anexo 1), pode concluir-se estarem os resultados dos nossos alunos do ensino básico regular abaixo do desejável, embora se tenha verificado uma ligeiramente melhoria em relação ao ano anterior. No que respeita ao ensino secundário, apenas no 10º se verificam resultados mais baixos que a média nacional, situando-se ao dos 11º e 12º anos acima da taxa de sucesso nacional.

Vejamos, então, os quadros abaixo:

| <b>ENSINO REGULAR – BÁSICO</b>                        |               |               |               |                            |
|---|---------------|---------------|---------------|----------------------------|
| <b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE</b> |               |               |               | <b>% GLOBAL DE SUCESSO</b> |
| <b>ANO</b>  | <b>7º</b>     | <b>8º</b>     | <b>9º</b>     |                            |
| <b>ESIC</b>   | <b>84,62%</b> | <b>90,82%</b> | <b>88,68%</b> | <b>87,09%</b>              |
| NACIONAL  | 86,44%        | 91,54%        | 89,50%        | 92,75%                     |

| <b>ENSINO REGULAR – SECUNDÁRIO</b>                    |               |               |               |                            |
|---|---------------|---------------|---------------|----------------------------|
| <b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE</b> |               |               |               | <b>% GLOBAL DE SUCESSO</b> |
| <b>ANO</b>  | <b>10º</b>    | <b>11º</b>    | <b>12º</b>    |                            |
| <b>ESIC</b>   | <b>80,77%</b> | <b>92,62%</b> | <b>65,71%</b> | <b>80,39%</b>              |
| NACIONAL  | 84,65%        | 90,34%        | 65,29%        | 80,60%                     |

No que respeita aos cursos qualificantes, poderemos verificar duas realidades distintas – por um lado, no ensino básico vocacional a percentagem de sucesso é bastante superior à média nacional; por outro, verifica-se que, contrariamente ao habitual, nos três anos dos cursos profissionais os resultados são piores que os nacionais, daí resultando que também o seja a percentagem global de sucesso.

| <b>CURSOS QUALIFICANTES</b>             |                   |                     |               |               |                            |
|---|-------------------|---------------------|---------------|---------------|----------------------------|
| <b>PERCENTAGEM DE SUCESSO POR CURSO</b> |                   |                     |               |               |                            |
| <b>CURSO</b>                            | <b>BÁSICO</b>     | <b>PROFISSIONAL</b> |               |               |                            |
| <b>ANO</b>                              | <b>Vocacional</b> | <b>1º ano</b>       | <b>2º ano</b> | <b>3º ano</b> | <b>% GLOBAL DE SUCESSO</b> |
| <b>ESIC</b>                             | <b>94,20%</b>     | <b>98,11%</b>       | <b>90,36%</b> | <b>62,96%</b> | <b>87,65%</b>              |
| <b>NAC.</b>                             | <b>88,30%</b>     | <b>98,52%</b>       | <b>99,21%</b> | <b>64,96%</b> | <b>88,65%</b>              |

### **EXAMES NACIONAIS**

Centremo-nos, agora, nos dados relativos à avaliação interna e externa, por forma a tentar perceber o desempenho dos nossos alunos. Saliente-se, no entanto, que a comparação dos resultados finais estará eivada de alguma falta de rigor, na medida em que os dados facultados pelo Ministério da Educação através do IAVE, não só não distinguem escolas públicas de escolas privadas, como não entram em linha de conta com os resultados esperados, ou seja, com aqueles que seria expectável que os alunos obtivessem em função do meio económico, social e cultural em que estão inseridos. Por isso mesmo, e em função parcialidade dos dados de que dispomos, quer parecer-nos ser necessária uma certa “reserva” nas leituras que se fazem.

Finalmente, lamenta-se o facto de o IAVE ter deixado de disponibilizar em tempo útil os dados relativos aos exames nacionais no Grande Porto, Norte e a nível nacional, pelo que não nos é possível proceder à comparação entre estes e os resultados obtidos pelos nossos alunos.

**ENSINO BÁSICO (Anexo 2)**

Se, no 9º ano de escolaridade, o total de alunos que reuniu condições para realizar exames nacionais foi de cento e cinquenta e seis, apenas cento e quarenta e cinco realizaram as provas. Face aos resultados obtidos, poderá concluir-se que o desempenho dos nossos alunos na disciplina de Matemática continua a ser preocupante, como podemos ver no quadro abaixo.

| DISCIPLINAS | 9º ANO<br>DIFERENÇA ENTRE A CLASSIFICAÇÃO INTERNA<br>(UNIVERSO DE 156 ALUNOS)<br>E A CLASSIFICAÇÃO DE EXAME<br>(UNIVERSO DE 145 ALUNOS) |             |                |             | % DE<br>NÍVEIS<br>NEGATIVOS |
|-------------|---|-------------|----------------|-------------|-----------------------------|
|             | CI  |             | CE             |             |                             |
|             | NÍVEL $\geq 3$  | NÍVEL $< 3$ | NÍVEL $\geq 3$ | NÍVEL $< 3$ |                             |
| PORTUGUÊS   | <b>123</b>  | 33          | <b>69</b>      | 76          | <b>21%</b>                  |
| MATEMÁTICA  | <b>98</b>   | 58          | <b>61</b>      | <b>84</b>   | <b>37%</b>                  |

Face a estes dados, importará refletir sobre o diferencial considerável entre o número de alunos admitidos a exame com nível igual ou superior a três e os que obtiveram o mesmo resultado em exame. Para isso, espera-se, contribuirá o quadro que se segue, do qual se conclui ter sido de 79% a percentagem de alunos admitidos a Português nas condições acima referidas que obtiveram nível positivo, sendo essa percentagem de 63% no caso de Matemática.

| TURMAS       | PORTUGUÊS                       |   | MATEMÁTICA                      |   |
|--------------|---------------------------------|---|---------------------------------|---|
|              | ADMITIDOS COM<br>NÍVEL $\geq 3$ | OBTIVERAM<br>NÍVEL<br>$\geq 3$ EM EXAME | ADMITIDOS<br>COM NÍVEL $\geq 3$ | OBTIVERAM<br>NÍVEL<br>$\geq 3$ EM EXAME |
| A            | 15                              | 9                                       | 13                              | 6                                       |
| B            | 14                              | 11                                      | 11                              | 4                                       |
| C            | 18                              | 10                                      | 16                              | 11                                      |
| D            | 23                              | 11                                      | 11                              | 10                                      |
| E            | 19                              | 12                                      | 19                              | 17                                      |
| F            | 18                              | 9                                       | 14                              | 8                                       |
| G            | 16                              | 7                                       | 14                              | 5                                       |
| <b>TOTAL</b> | <b>123</b>                      | <b>69</b>                               | <b>98</b>                       | <b>61</b>                               |

No entender desta CAI, os dados de que agora se dá conta deverão ser alvo de uma reflexão aturada por parte dos vários envolvidos, pelo que a seu tempo procuraremos apresentar algumas sugestões.

### ENSINO SECUNDÁRIO (Anexo 3)

#### 11º ANO

De entre as disciplinas de 11º ano em que os nossos alunos estiveram sujeitos a exame no ano letivo 2015/2016, destacam-se, pela positiva, as de Literatura Portuguesa, Francês e Desenho A, para além de PLNM, dado que não ocorreram classificações inferiores a 10 valores nas fases de exame a que os alunos se sujeitaram, o mesmo não se verificando nas restantes disciplinas, de acordo com o que se segue:

Física e Química A – doze alunos obtiveram classificações inferiores a 10 na 1ª fase e oito na 2ª;

Biologia e Geologia – oito alunos obtiveram classificações inferiores a 10 na 1ª fase e seis na 2ª;

Matemática Aplicada às Ciências Sociais – cinco alunos obtiveram classificações inferiores a 10 na 1ª fase e dois na 2ª;

Filosofia – um aluno obteve classificação inferior a 10 na 1ª fase e outro na 2ª.

Geografia A e Alemão – um aluno obteve classificação inferior a 10 na 1ª fase em cada uma das disciplinas.

Em função do desempenho dos alunos nas dez disciplinas em que se realizaram exames de 11º ano, os dados percentuais de reprovações nas duas fases são os que poderemos ver abaixo (entre parêntesis, por baixo do nome da disciplina, surge o número de alunos que realizou exames em cada uma das duas fases).

| <b>11º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES<br/>(1ª E 2ª FASES)</b> |   |                                       |                                     |                                   |                              |
|--|---|---------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------|
| FASES  | <b>DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE</b> |                                       |                                     |                                   |                              |
|  | <b>FÍS E QUÍM. A<br/>(1ª-73/2ª-38)</b>                    | <b>BIOL E GEOL.<br/>(1ª-74/2ª-43)</b> | <b>GEOGRAFIA A<br/>(1ª-20/2ª-1)</b> | <b>LIT PORT.<br/>(1ª-19/2ª-4)</b> | <b>MACS<br/>(1ª-18/2ª-5)</b> |
| 1ª   | <b>16,4%</b>  | <b>10,8%</b>                          | 5%                                  | 0%                                | <b>27,8%</b>                 |
| 2ª   | <b>21,1%</b>  | 14%                                   | 0%                                  | 0%                                | <b>40%</b>                   |

| FASES          | FRANCÊS<br>(1 <sup>a</sup> -8) | FILOSOFIA<br>(1 <sup>a</sup> -7/2 <sup>a</sup> -2) | DESENHO A<br>(1 <sup>a</sup> -6) | ALEMÃO<br>(1 <sup>a</sup> -6/2 <sup>a</sup> -1) | PLNM<br>(1 <sup>a</sup> -1/2 <sup>a</sup> -1) |
|----------------|--------------------------------|--|----------------------------------|---|---|
| 1 <sup>a</sup> | 0%                             | 14,3%  | 0%                               | 16,7%   | 0%  |
| 2 <sup>a</sup> | ---                            | 50%  | ---                              | 0%  | 0%  |

Considerando agora a diferença entre a Classificação interna final (CIF) e a Classificação de exame (CE) ocorrida nas disciplinas de 11º ano, verifica-se haver um diferencial bastante acentuado em algumas delas e mais ligeiro noutras, de acordo com o quadro que se segue.

| 11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS)<br>(1 <sup>a</sup> E 2 <sup>a</sup> FASES) |               |              |             |           |      |
|---|---------------|--------------|-------------|-----------|------|
| FASES   | FÍS E QUÍM. A | BIOL E GEOL. | GEOGRAFIA A | LIT PORT. | MACS |
| 1 <sup>a</sup>  | 5,3           | 5,3          | 1,9         | 1,9       | 3,5  |
| 2 <sup>a</sup>  | 6,9           | 4,1          | 3,9         | 2,3       | 4,9  |

| FASES          | FRANCÊS | FILOSOFIA | DESENHO A | ALEMÃO | PLNM |
|----------------|---------|-----------|-----------|--------|------|
| 1 <sup>a</sup> | 3,3     | 5,3       | 2,3       | 1,0    | 5,8  |
| 2 <sup>a</sup> | ---     | 3,5       | ---       | -0,4   | 5,4  |

Destas oscilações resultam, naturalmente, pequenas diferenças percentuais entre a CIF e a classificação final da disciplina (CFD), que se registam.

| 11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS)<br>(1 <sup>a</sup> E 2 <sup>a</sup> FASES) |               |              |             |           |      |
|--|---------------|--------------|-------------|-----------|------|
| FASES  | FÍS E QUÍM. A | BIOL E GEOL. | GEOGRAFIA A | LIT PORT. | MACS |
| 1 <sup>a</sup>   | 1,4           | 1,1          | 0,6         | 0,5       | 0,9  |
| 2 <sup>a</sup>   | 1,6           | 1,1          | 1,0         | 0,5       | 1,2  |

| FASES          | FRANCÊS | FILOSOFIA | DESENHO A | ALEMÃO | PLNM |
|----------------|---------|-----------|-----------|--------|------|
| 1 <sup>a</sup> | 0,8     | 1,0       | 0,7       | 0,3    | 1,0  |
| 2 <sup>a</sup> | ---     | 0,5       | ---       | 0,0    | 1,0  |

## 12º ANO

Em relação aos exames nacionais deste ano de escolaridade, destaque-se o facto de a percentagem global de reprovações ter sido bastante elevada, particularmente nas disciplinas de Matemática A e de História A, muito particularmente na 2ª fase, como se poderá verificar abaixo.

| <b>12º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES<br/>(1ª E 2ª FASES)</b> |  |                               |                             |
|--|--|-------------------------------|-----------------------------|
| FASES  | DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE |                               |                             |
|  | PORTUGUÊS<br>(1ª-92/2ª-16)                         | MATEMÁTICA A<br>(1ª-50/2ª-21) | HISTÓRIA A<br>(1ª-40/2ª-12) |
| 1ª   | 2,2%   | 20%                           | 17,5%                       |
| 2ª   | 12,5%  | <b>38,1%</b>                  | <b>50%</b>                  |

Da análise comparativa entre a CIF e a CE nas duas fases de exames, percebe-se ter ocorrido um diferencial considerável em quase todas as disciplinas.

| <b>12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS)<br/>(1ª E 2ª FASES)</b> |            |            |              |
|---|------------|------------|--------------|
| FASES   | PORTUGUÊS  | HISTÓRIA A | MATEMÁTICA A |
| 1ª  | <b>2,0</b> | <b>3,5</b> | <b>3,6</b>   |
| 2ª  | <b>0,8</b> | <b>3,9</b> | <b>3,3</b>   |

Assim, e em função dos dados acima, as diferenças percentuais entre a CIF e a CFD nas três disciplinas em causa são aquelas de que a seguir se dá conta.

| <b>12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS)<br/>(1ª E 2ª FASES)</b> |            |            |              |
|--|------------|------------|--------------|
| FASE   | PORTUGUÊS  | HISTÓRIA A | MATEMÁTICA A |
| 1ª   | <b>0,4</b> | <b>0,8</b> | <b>0,8</b>   |
| 2ª   | <b>0,2</b> | <b>0,8</b> | <b>0,8</b>   |

Em síntese, quer parecer-nos que o desempenho global dos alunos da ESIC em exame não é dos melhores, o que, como é evidente, deverá continuar a ser alvo de ponderação em sede própria. Porém, convirá recordar que, por um lado, o desempenho dos

alunos em situação de exame pode não corresponder ao expectável e, por outro, que a avaliação interna inclui Instrumentos de verificação e Critérios de referência que, naturalmente, estão ausentes da avaliação externa. De qualquer modo, sendo nosso objetivo a aproximação da excelência, há que, tendencialmente, procurar reduzir o diferencial que se verifica entre a avaliação interna e a externa.

**1.2** No que aos **Resultados sociais** concerne, e tendo como ponto de partida da nossa análise o documento “Resultados do Concurso Nacional de Acesso 2016” (Anexo 4), fácil será concluir que, de acordo com o quadro abaixo, e a exemplo do que tem vindo a acontecer, os alunos da ESIC que reuniram condições para se candidatar ao ensino superior na primeira fase foram quase todos colocados, o mesmo não se podendo dizer em relação aos que se candidataram na segunda.

| FASES | CANDIDATURAS | COLOCADOS |     |           |     |          |     |
|-------|--------------|-----------|-----|-----------|-----|----------|-----|
|       |              | TOTAIS    |     | POR OPÇÃO |     |          |     |
|       |              | Nº        | %   | 1ª opção  |     | 2ª opção |     |
|       |              |           |     | Nº        | %   | Nº       | %   |
| 1ª    | 79           | 60        | 76% | 31        | 52% | 17       | 28% |
| 2ª    | 34           | 9         | 26% | 3         | 33% | 2        | 22% |

Outro dado continua a destacar-se – tal como tem sido habitual, o número de alunos que tencionavam candidatar-se é bastante superior ao dos que efetivamente o fizeram (180/79, na 1ª fase e 93/34, na 2ª), o que traduz uma redução significativa, embora não seja possível saber a razão ou razões para que tal continue a acontecer.

Ainda no âmbito dos **Resultados sociais**, olhemos agora para os dados do Programa de combate à indisciplina (PCI), no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita, começando por recordar as três “tipologias de indisciplina” consideradas pelo Programa em causa:

**Tipo 1** – “Perturbações que afetam o normal desenvolvimento da aula e que se traduzem pelo incumprimento das regras necessárias ao adequado funcionamento da aula.”

**Tipo 2** – “Problemas nas relações entre alunos, que se traduzem em conflitos verbais que afetam a dignidade e o bem-estar dos colegas.”

**Tipo 3** – “Conflitos nas relações professor/aluno, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa.”

Para proceder à reflexão sobre os resultados atuais, entendemos importante estabelecer uma relação com os dois anos transatos, isto é, considerar os três anos que respeitam aos da existência do PCI, de que a seguir se dá conta.

| OCORRÊNCIAS  | PCI     |         |         |
|--------------|---------|---------|---------|
|              | 2013/14 | 2014/15 | 2015/16 |
| NÚMERO TOTAL | 193     | 250     | 766     |

Da observação do quadro acima, destaca-se um agravamento muito, muito acentuado do total de ocorrências, que, entendeu esta CAI, conviria esclarecer. Assim, e após uma conversa informal com o psicólogo, Dr. Júlio França, ficou claro que grande parte das ocorrências registadas diz respeito a ocorrências de Tipo 1 e resultam de situações que se poderão considerar de pequena gravidade, pelo que, eventualmente, poderiam ser resolvidas em contexto de sala de aula. No entanto, sempre que um aluno sai da sala, por ordem do professor, independentemente da gravidade da situação, essa ocorrência é registada pelos Serviços em causa, daí que se tenha chegado a tão elevado número final, assunto a que voltaremos.

Vejamos agora como se distribuem as várias ocorrências por tipologia/ano de escolaridade, para o que se deverá atentar no quadro abaixo, no qual também se comparam os três últimos anos letivos. E o que se continua a evidenciar é uma predominância das ocorrências de Tipo 1, assim como um agravamento muito, muito acentuado desta tipologia no 7º, mas também no 8º, no 9º e até no 10º ano de escolaridade. Refira-se, ainda, o aumento considerável de ocorrências de Tipo 2 no 7º e no 8º anos, assim como de Tipo 3 no 3º ciclo.

| ALUNOS<br>ENCAMI-<br>NHADOS<br>PARA O<br>PCI | OCORRÊNCIAS |         |            |         |         |           |         |         |           |
|--|-------------|---------|------------|---------|---------|-----------|---------|---------|-----------|
|  | TIPO 1      |         |            | TIPO 2  |         |           | TIPO 3  |         |           |
|  | 2013/14     | 2014/15 | 2015/16    | 2013/14 | 2014/15 | 2015/16   | 2013/14 | 2014/15 | 2015/16   |
| 7º ANO                                       | 40          | 138     | <b>408</b> | 13      | 31      | <b>47</b> | 8       | 6       | <b>35</b> |
| 8º ANO                                       | 41          | 28      | <b>155</b> | 17      | 6       | <b>13</b> | 5       | 4       | <b>9</b>  |
| 9º ANO                                       | 24          | 17      | <b>68</b>  | 3       | 5       | 1         | 6       | 1       | <b>10</b> |
| 10º ANO                                      | 13          | 4       | <b>15</b>  | 0       | 2       | 0         | 1       | 0       | 1         |
| 11º ANO                                      | 0           | 3       | 1          | 1       | 2       | 0         | 0       | 2       | 0         |
| 12º ANO                                      | 3           | 0       | 3          | 0       | 0       | 0         | 0       | 1       | 0         |
| <b>TOTAL</b>                                 | 131         | 190     | <b>650</b> | 40      | 46      | <b>61</b> | 22      | 14      | <b>55</b> |

Face a estes resultados, a expectativa é que o PCI prossiga de acordo com os objetivos delineados e que os resultados futuros invertam a tendência atual, para o que, quer parecer-nos, será necessário, de facto, «envolver toda a comunidade educativa na resolução dos problemas de indisciplina» e, assim, não só «melhorar o comportamento e a disciplina na sala de aula», mas também «melhorar os resultados escolares dos alunos», como todos desejamos, para o que se apresentarão algumas propostas em lugar próprio.

Como forma de complementarmos os dados acima, apresentemos agora os obtidos através dos questionários destinados a **docentes e assistentes** (cf Anexo 8 e Anexo 14), que espelham a **visão** dos mesmos sobre os nossos **alunos** no que ao critério “**Cumprimento de regras**” diz respeito.

| OS ALUNOS                 | DOCENTES   |            | ASSISTENTES |            |
|---------------------------|------------|------------|-------------|------------|
|                           | SIM        | NÃO        | SIM         | NÃO        |
| TÊM BOM COMPORTAMENTO     | <b>11%</b> | <b>66%</b> | <b>5%</b>   | <b>43%</b> |
| RESPEITAM OS PROFESSORES  | <b>21%</b> | <b>48%</b> | <b>0%</b>   | <b>43%</b> |
| RESPEITAM OS ASSISTENTES  | <b>18%</b> | <b>52%</b> | <b>24%</b>  | <b>33%</b> |
| RESPEITAM-SE ENTRE SI     | <b>9%</b>  | <b>59%</b> | <b>5%</b>   | <b>57%</b> |
| RESPEITAM OS EQUIPAMENTOS | <b>15%</b> | <b>66%</b> | <b>0%</b>   | <b>45%</b> |

Como se pode deduzir dos dados do quadro acima, e em linha com os resultados do PCI, o comportamento dos alunos em geral não será dos melhores, revelando mesmo um agravamento em relação ao ano anterior, pelo que urgirá intervir a este nível. Salien-

te-se a propósito que, no que respeita ao tratamento das questões disciplinares, se no ano transato 45% dos docentes considerava que estas não eram tratadas da melhor forma, essa percentagem baixou agora para 40%, sendo que 47% entende que sim. Porém, há ainda uma percentagem elevada (23%) de docentes que não tem ou não dá opinião, o que nos parece algo estranho.

## 2. PRESTAÇÃO DE SERVIÇO EDUCATIVO

Desde o ano letivo 2012/13, a Direção e os docentes da ESIC, em estreita colaboração entre si, têm vindo a delinear e a implementar planos de intervenção junto das turmas cujos resultados do 1º e/ou do 2º períodos não correspondam ao desejado. De resto, sendo nossa preocupação a melhoria do desempenho dos alunos, e sendo que a esta, naturalmente, está ligada a qualidade do serviço prestado, outra coisa não seria de esperar.

Assim, em função dos resultados obtidos pelos alunos, o que os docentes têm vindo a fazer é a procurar identificar as causas e a elaborar planos de ação, de modo a que os problemas sejam ultrapassados. No fundo, o que se pretende é que, em trabalho colaborativo, seja delineado um plano de ação que contemple atividades diversificadas, adaptadas aos interesses dos alunos, de modo a que estes consigam atingir os objetivos desejados. Esses planos implicam, naturalmente, um trabalho conjunto ainda mais concertado, para além da definição de estratégias adequadas a cada turma, de modo a colmatar as dificuldades evidenciadas pelos alunos.

Sendo função da CAI monitorizar o trabalho desenvolvido e aferir resultados, desde o ano letivo acima referido, esta Comissão tem vindo a aplicar um questionário aos docentes das disciplinas/turmas em que ocorre a intervenção em causa. (Anexo 5)

É dos dados obtidos junto dos **vinte inquiridos**, (Anexo 6) que a seguir damos conta. Saliente-se, antes de mais, que as disciplinas em que ocorreu a intervenção foram as de **Português, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Físico-químicas** e que as razões que conduziram à mesma foram maioritariamente os **resultados** obtidos pelos alunos no **1º período (60%)**, sendo que em **70%** dos casos se verificou uma **melhoria no período letivo que se seguiu à intervenção**.

No que à situação profissional e ao tempo de serviço dos docentes diz respeito, considere-se o quadro abaixo.

| SITUAÇÃO         | QUADRO       | CONTRATADO | OUTRA         | TOTAL |
|------------------|--------------|------------|---------------|-------|
| PROFISSIONAL     | 65%          | 15%        | 20%           |       |
| TEMPO DE SERVIÇO | MAIS 20 ANOS | 11-20 ANOS | MENOS 10 ANOS | 20    |
|                  | 65%          | 25%        | 10%           |       |

**2.1** No que concerne ao **Planeamento e articulação**, concretamente no âmbito do **trabalho colaborativo** desenvolvido na sequência da intervenção em causa, há a salientar que a grande maioria dos docentes o avalia muito positivamente no que respeita aos diferentes parâmetros considerados, a saber: “**Discutir estratégias de diferenciação pedagógica**” (níveis **3 a 5** para **90%** dos inquiridos), “**Procurar soluções para minimizar o insucesso escolar**” (níveis **3 a 5** para **95%** dos inquiridos), “**Analisar e refletir sobre práticas letivas**” (níveis **3 a 5** para **90%** dos inquiridos), “**Partilhar experiências e práticas docentes**” (níveis **3 a 5** para **90%** dos inquiridos).

Simultaneamente, quando questionados sobre a **importância das** reuniões de pares com vista à melhoria dos resultados dos alunos, três docentes avaliam-nas negativamente, sendo que **70%** as situa nos níveis **4 e 5** e **15%** no nível **3**, o que traduz uma melhoria significativa em relação ao ano anterior, dado que era então de **50%** a percentagem de docentes que “avaliava” a importância destas reuniões com os níveis **4 e 5** (contra **78%** em 2013/14) e de **43%** a dos que as situava no nível **3**.

**2.2** Bastante melhores são também os dados respeitantes a **Práticas de ensino**, mais concretamente às “Práticas na sala de aula”, visto que, de acordo com as respostas obtidas, passou de **57%** (em 2014/15) para **80%** a percentagem dos inquiridos que **diz ter alterado as suas práticas graças ao trabalho colaborativo**. Por outro lado, a percentagem de inquiridos que refere que os **alunos** se mostraram **agradados face à alteração de tais práticas**, em resultado do trabalho colaborativo desenvolvido, é apenas de **50%**, sendo que **45%** salienta o **maior empenho** dos mesmos, embora seja de **70%** a percentagem dos que afirmam que os **resultados dos alunos melhoraram** e, de acordo com **67%** dos inquiridos, quando tal não aconteceu a causa terá sido a falta de empenho dos docentes.

Face aos dados apresentados, e em função da tendência de agravamento que se vinha a verificar em anos anteriores, quer parecer-nos que o trabalho colaborativo tem vindo a revelar-se uma mais-valia, como todos desejamos, pelo que há que continuar a investir nesta prática.

### 3. LIDERANÇA E GESTÃO

Sendo objetivo de qualquer avaliação interna a melhoria aos mais diversos níveis, foram novamente aplicados questionários a todos os docentes, assim como aos alunos, encarregados de educação (EE), assistentes técnicos (AT) e operacionais (AO), tendo como “centro” aspetos que têm vindo a ser avaliados de forma menos positiva e no âmbito dos quais têm vindo a ser desenvolvidos planos de melhoria.

#### A. PESSOAL DOCENTE

Começamos por dar conta dos resultados obtidos junto do pessoal docente que no ano 2015/16 prestava serviço na ESIC (Anexo 7), visando aferir o seu grau de satisfação relativamente ao domínio “Liderança e gestão”, com base nos campos “Liderança” (parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”) e “Gestão” (parâmetro “Horários e distribuição de serviço”).

Vejam, então, o que nos “dizem” os dados recolhidos (Anexo 8).

De um universo de **cento e nove docentes**, **81%** corresponde a **QE** e **9%** **QZP**, sendo que **75%** do total tem **mais de vinte anos de serviço** e **21%** tem **onze a vinte anos**, para além de que **49%** desempenhava funções de **diretor de turma (DT)**, **48,5%** do ensino **básico** e **51,5%** do **secundário**.

#### 3.1 LIDERANÇA / GESTÃO

##### A. LIDERANÇA

Para melhor se analisar a evolução dos dados a que se chegou no que a este campo concerne, concretamente em função dos parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, optámos por apresentar no quadro abaixo não só os resultados do ano a que reporta o presente Relatório, mas também os do ano transato. Da observação dos dados sobressai o facto de que a maioria dos inquiridos continuar a reconhecer um óptimo trabalho às coordenadoras de DT, assim como às restantes lideranças intermédias, embora tenham ocorrido oscilações em alguns aspetos. Quanto à Direção, embora os resultados sejam igualmente positivos, não o são de uma forma tão assertiva.

Vejam, então, o que mostravam os dados do ano 2014/15 e o que mostram os agora apurados.

| CAMPO:<br>LIDERANÇA               | CAPACIDADE DE               |         |                 |         |             |         |
|-----------------------------------|-----------------------------|---------|-----------------|---------|-------------|---------|
|                                   | LIDERANÇA                   |         | DIÁLOGO         |         | MOBILIZAÇÃO |         |
|                                   | 2014/15                     | 2015/16 | 2014/15         | 2015/16 | 2014/15     | 2015/16 |
| DIREÇÃO                           | BASTANTE / MUITO SATISFEITO |         | BOA / MUITO BOA |         |             |         |
|                                   | 48%                         | 47%     | 59%             | 57%     | 48%         | 50%     |
|                                   | SATISFEITO                  |         | SUFICIENTE      |         |             |         |
|                                   | 36%                         | 40%     | 36%             | 29%     | 32%         | 31%     |
| COORDENAÇÃO<br>DE<br>DEPARTAMENTO | BASTANTE / MUITO SATISFEITO |         | BOA / MUITO BOA |         |             |         |
|                                   | 79%                         | 77%     | 86%             | 87%     | 81%         | 75%     |
|                                   | SATISFEITO                  |         | SUFICIENTE      |         |             |         |
|                                   | 18%                         | 17%     | 13%             | 9%      | 18%         | 17%     |
| COORDENAÇÃO<br>DE DISCIPLINA      | BASTANTE / MUITO SATISFEITO |         | BOA / MUITO BOA |         |             |         |
|                                   | 85%                         | 82%     | 90%             | 88%     | 83%         | 80%     |
|                                   | SATISFEITO                  |         | SUFICIENTE      |         |             |         |
|                                   | 11%                         | 15%     | 6%              | 7%      | 13%         | 17%     |
| COORDENAÇÃO<br>DE DT              | BASTANTE / MUITO SATISFEITO |         | BOA / MUITO BOA |         |             |         |
|                                   | 98%                         | 91%     | 98%             | 93%     | 98%         | 86%     |
|                                   | SATISFEITO                  |         | SUFICIENTE      |         |             |         |
|                                   | 2%                          | 3%      | 2%              | 3,5%    | 2%          | 10,5%   |

## B. GESTÃO

No âmbito deste campo, tendo-se auscultado a opinião dos docentes sobre os parâmetros “Horários e distribuição de serviço”, verifica-se o seguinte:

- a exemplo do que acontecia no ano transato, sensivelmente metade dos inquiridos (52%) está **bastante ou muito satisfeita com a distribuição de serviço**, estando 24% pouco ou nada satisfeitos e outros tantos medianamente satisfeitos;
- quanto aos **níveis atribuídos**, passou de 49% para 53% a **percentagem de docentes que está bastante ou muito satisfeita**, tendo baixado de 32% para 20% a dos que dizem estar pouco ou nada satisfeitos;
- em relação à **mancha horária semanal**, ela é do agrado de 53% dos inquiridos e **desagrada a 28%**, contra 57% e 22%, respetivamente, no ano anterior.

Finalmente, e tal como no ano 2014/15, colocámos aos professores em serviço na ESIC uma última questão – quisemos saber até que ponto cada um se revê nesta escola e as repostas permitem perceber que aumentou de 52% para **60% a percentagem dos que a considera a “sua” escola**, tendo passado de 38% para **33% a dos que se revêm suficientemente nela**.

Em síntese, o que claramente se percebe dos dados acima é que, no que ao indicador “Grau de satisfação interna” diz respeito, pouco mais de metade dos docentes em serviço na ESIC se sente consideravelmente satisfeita com a distribuição de serviço, horários e níveis atribuídos, pelo que aqui voltaremos em momento próprio.

**3.2** Na sequência dos dados obtidos em anos anteriores através dos questionários aplicados a alunos, EE e AT/AO no que respeita ao campo **Gestão**, continuou a pretender-se aferir a evolução em relação aos critérios “Práticas de organização” e “Eficácia”, assim como ao subsequente indicador “Grau de satisfação interna e externa” dos três grupos em causa.

Vejamos, então, os resultados obtidos e as eventuais alterações em relação ao ano anterior.

## **B. ALUNOS**

Convirá referir que no questionário aplicado aos alunos (Anexo 9), e com vista à determinação do indicador “Grau de satisfação interna”, foram novamente considerados os parâmetros “Limpeza” (das salas de aula, dos WC, do pavilhão gimnodesportivo e dos espaços exteriores), “Funcionamento” (do bufete e do refeitório), “Segurança dos alunos no interior da ESIC”, assim como (para os alunos do básico), “Atividades de acompanhamento ao estudo” (AAE), “Roteiros d’escrita” (RE) e “Reforço pedagógico de Matemática” (RPM) ambos no 9º ano, e (para os do secundário) “Reforço pedagógico” (RP), “Preparação para o exame” (PE), no 12º ano, e “Sala de estudo” (SE).

Considerando os dados obtidos (cf. Anexo 10) através das respostas dos **duzentos e sessenta e nove discentes** (menos 42 que no ano transato), verifica-se que **53,5%** dos inquiridos é do **sexo feminino** e **46,5%** do **masculino**, sendo que **61%** frequenta o ensino **básico** (89% no ensino regular e 11% nos cursos vocacionais) e **39%** o **secundário** (78% no regular e 22% nos profissionais).

Atentemos agora nos parâmetros que, recorrentemente, se têm revelado de resolução mais complexa.

## 1. Grau de satisfação dos alunos em relação a

### A. Limpeza

- a) **das salas de aula – 38% está muito ou totalmente satisfeito** (o que traduz uma melhoria significativa em relação ao ano anterior, dado que esta percentagem era, então, de 20%), sendo que **35% dos alunos se consideram satisfeitos** (contra 43% no ano 2014/15);
- b) **dos WC – os resultados revelam que é de 43% a percentagem dos que dizem estar muito ou totalmente satisfeitos** (uma melhoria considerável em relação a 2014/15, visto que essa percentagem era então de 26%), estando **satisfeitos 34%** dos inquiridos (no ano anterior tal percentagem correspondia a 45%);
- c) **do ginnodesportivo – neste parâmetro os resultados situam-se um pouco abaixo dos do ano transato, visto que 50% dos alunos afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos** (contra 52% em 2014/15) e **31% dizem estar satisfeitos**, percentagem que era, então, de 34% ;
- d) **dos espaços exteriores – se no ano transato eram de 29% e 48% as percentagens de alunos que se diziam muito ou totalmente satisfeitos e satisfeitos**, respetivamente, estas percentagens situam-se agora nos **36% e 40%**.

Conclui-se assim que as condições de limpeza interior e exterior continuam a ser um problema, facto a que não será alheia a falta de AO com que a ESIC continua a debater-se. Saliente-se o facto de, em relação às salas de aulas, diversos alunos referirem não só a falta de limpeza da sala em si, mas também a dos vidros, pelo que, segundo nos parece, continua a haver uma certa margem de progressão que convirá perseguir.

Como ponto prévio ao tratamento do funcionamento de um dos espaços que se segue – o refeitório escolar –, convirá salientar que se pediu aos alunos que só respondessem ao parâmetro “Funcionamento do refeitório” os que efetivamente o frequentam, informação que, de resto, se incluiu no questionário. Assim, sendo de 269, recorde-se, o total de alunos que participou neste inquérito, é de 189 o dos que se pronunciam sobre o serviço do refeitório. Antes de nos centrarmos nos resultados apurados, sugere-se uma leitura atenta das razões de desagrado indicadas pelos alunos no Anexo 10.

## B. Funcionamento

- a) **do bufete** – é de **60%** a percentagem de alunos que se considera **muito ou totalmente satisfeito** com o funcionamento do bufete (um pouco abaixo dos 64% do ano anterior), sendo que, desta percentagem, **67%** dos alunos se “queixa” **do tempo de espera** (contra 69% em 2014/15). Para além disso, muitos salientam o facto de a ordem de chegada nem sempre ser respeitada, assim como da impossibilidade de pedir para prensar pão ou croissãs antes das 10h. Ora, parece ser necessário que haja aqui um espaço de reflexão, dado que, como sabemos, às vezes pequenos acertos representam grandes melhorias.
- b) **do refeitório escolar** – embora com ligeiros sinais de melhoria, e apesar de todos os esforços que possam ter sido desenvolvidos, o serviço prestado pelo refeitório continua a não ser do agrado dum parte significativa dos nossos alunos, como demonstram os dados relativos ao ano 2015/16, aos quais, para uma leitura evolutiva mais clara, decidimos juntar os dos três anos anteriores.

| <b>Grau de satisfação</b>                               |         |         |         |
|---|---------|---------|---------|
| <b>Percentagens de avaliações entre os níveis 1 e 3</b> |         |         |         |
| <b>2015/16</b>  | 2014/15 | 2013/14 | 2012/13 |
| <b>73%</b>  | 75%     | 70%     | 67%     |

Importa, agora, tentar perceber a causa ou causas da insatisfação manifestada pelos alunos, para o que se consideraram também os resultados apurados nos últimos três anos.

| <b>Motivos de insatisfação</b> |                                |                           |                        |
|--------------------------------|--------------------------------|---------------------------|------------------------|
| <b>Ano letivo</b>              | <b>Qualidade da confeitura</b> | <b>Quantidade servida</b> | <b>Tempo de espera</b> |
| <b>2015/16</b>                 | <b>53%</b>                     | <b>20%</b>                | <b>19%</b>             |
| 2014/15                        | 58%                            | 20%                       | 10%                    |
| 2013/14                        | 38%                            | 15%                       | 24%                    |

Daqui se percebe que, apesar das alterações introduzidas nos últimos anos com vista à melhoria do serviço prestado pelo refeitório, os resultados não se fizeram sentir da forma esperada. De resto, sugere-se a leitura atenta das queixas explicitadas em resposta aberta, nas quais os alunos se referem não

só a questões ligadas com a deficiente confeção dos alimentos, mas ainda a problemas de higiene muito graves, como a falta de limpeza dos talheres ou a “presença” de cabelos nos alimentos!

Em função das informações recolhidas, parece ser fundamental repensar aos mais diversos níveis os dois serviços em análise, mas muito particularmente o refeitório, dada a gravidade das queixas apresentadas.

### C. Segurança

No que a este parâmetro diz respeito, verifica-se que o **grau de satisfação dos alunos tem sofrido apenas ligeiras alterações** desde 2013/14, dado que **62%** estão **muito ou totalmente satisfeitos** com a segurança (tal percentagem era de 63% no ano anterior e de 59% em 2013/14), sendo de 27% a percentagem dos que situam a sua satisfação no nível 3 (contra os 20% no ano anterior).

Quando questionados sobre as razões pelas quais não consideram a ESIC segura, **62%** dos alunos salientam a **falta de vigilância nos espaços de recreio**.

Face a estes dados, quer parecer-nos que a segurança interna deverá continuar a ser alvo de ponderação e de atuação por parte da Direção, pelo que retomaremos esta problemática mais adiante.

### D. Ensino básico: Atividades de acompanhamento ao estudo (AAE) / Roteiros d’escrita (RE) (9º ano) / Reforço pedagógico de Matemática (RPM) (9º ano)

#### Ensino secundário: Reforço pedagógico (RP) / Preparação para o exame (PE) (12º ano) / Sala de estudo (SE)

As diversas disciplinas e atividades sobre as quais agora nos centramos foram pensadas, como é evidente, no sentido de complementar e facilitar o acompanhamento e melhorar o desempenho escolar dos alunos. No entanto, curiosamente, o que fica das respostas dadas por estes é, no mínimo, desconcertante. Senão vejamos.

Quando auscultados os alunos do **ensino básico** sobre o seu grau de satisfação relativamente às AAE, aos RE e ao RPM, apenas **66%**, **53%** e **51%**, respetivamente, estão **muito ou totalmente satisfeitos**, o que deixa de fora uma significativa percentagem de alunos. No que respeita aos do **ensino secundário**, o pa-

norama não é melhor, dado que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos** com o RP, o PE e a SE apenas **51%, 44% e 62%**, respetivamente.

Em função dos dados obtidos, quer parecer-nos evidente a necessidade de envolver os alunos e EE, de forma séria e responsável, no processo de ensino e de aprendizagem, pelo que, a seu tempo, retomaremos este assunto.

### C. ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Sendo interlocutores fundamentais para o êxito dos alunos e para o bom funcionamento de qualquer espaço escolar, os EE, serão agora o centro da nossa atenção. Como ponto prévio, entendemos importante começar por referir que o total de respostas, que deveria ter sido igual ao dos alunos, isto é, duzentas e sessenta e nove, ficou-se pelas **cento e sessenta e seis**. De qualquer modo, é de registar o facto de a percentagem de EE que tem vindo a envolver-se no processo de autoavaliação da ESIC tem aumentado de forma sustentada, dado que ela é agora de 62%, quando no ano anterior fora de 41% e em 2013/14 de apenas 29%.

Como nos anos anteriores, o que se pretendia era perceber o conhecimento dos EE sobre o funcionamento da escola frequentada pelos seus educandos, assim como o grau de satisfação em relação à mesma. Do total de EE que participaram, através de um questionário *on-line* (Anexo 11), setenta e seis são de alunos do ensino básico regular, oitenta e dois de alunos do secundário regular e oito de cursos profissionais, sendo de referir que nenhum EE de alunos dos cursos vocacionais respondeu ao questionário.

Globalmente, o que se verifica (cf. Anexo 12) é que quase todos acompanham a “vida” da ESIC, sendo que **84%** considera **conhecer bem as regras de funcionamento** e **igual percentagem** reconhece que «**Os EE são incentivados a participar na vida da escola**» (contra 84% e 86%, respetivamente, no ano transato) e **54%** entende que «**A escola resolve bem os problemas de indisciplina**».

No que respeita ao serviço prestado pelo **refeitório escolar**, verifica-se que o grau de (in)satisfação surge em linha com o que foi apurado junto dos alunos, pelo que os EE não só estarão informados, mas também preocupados. Senão, vejamos: **29%** considera-o **mau**, **51%** **razoável** e **14%** considera-o **bom** (percentagens que em 2014/15 eram respetivamente de 31%, 51% e 13%), o que significa que não terá ocorrido qualquer melhoria na prestação deste serviço. Tal co-

mo acontecia com os alunos, também para os EE a **qualidade da confeitura** é a razão apontada para tal avaliação, isto segundo **69%** dos inquiridos.

Quanto aos serviços de **bufete**, o grau de satisfação é bastante mais baixo que o do ano anterior, dado que agora **52%** considera-o **bom ou muito bom** (contra os 60% de então), tendo passado de 23% para **29%** a percentagem dos que o consideram **razoável**. São razões para esta “avaliação” principalmente o **tempo de espera (43%)** e a **variedade dos produtos (37%)**, mas também a **qualidade destes (15%)**

Quanto às **condições de higiene** da ESIC, o resultado agora obtido é bastante melhor que os dos dois últimos anos, dado que é de **75%** a percentagem dos EE que considera a escola **limpa**, contra 67% e 66% nos anos 2014/5 e 2013/14, respetivamente.

No que à **segurança** diz respeito, a opinião dos EE não sofre qualquer alteração, visto continuar a ser de **74%** a percentagem dos que a consideram **segura**.

Finalmente, e mau grado a opinião expressa particularmente em relação ao refeitório escolar, os EE estão **muito satisfeitos com a escola**, o que se traduz na percentagem dos que afirmam **gostar que o seu educando a frequente**, que tem vindo a sofrer a seguinte evolução: 78% no ano 2012/13, 87% no ano seguinte, 89% em 2014/15 e **90%** no ano a que este relatório reporta.

#### D. ASSISTENTES TÉCNICOS E ASSISTENTES OPERACIONAIS

Olhemos agora para os resultados obtidos a partir do questionário preenchido *online* pelos assistentes da ESIC (Anexo 13), cujo objetivo, tal como questionários anteriores, foi o de reavaliar os parâmetros que se têm vindo a revelar mais controversos, para além de outros de caráter mais geral.

Das respostas dadas por **sete** AT e **catorze** AO (cf. Anexo 14), afigura-se fundamental salientar desde já que passou de 96% para **86% a percentagem dos que afirmam gostar de trabalhar na ESIC** (recorde-se que em 2013/14 esta percentagem era de 83% e em 2012/13 era de 90%). Por outro lado, apenas **19%** dos assistentes considera que **os seus «contributos para o funcionamento da escola são valorizados»**, o que traduz uma grande alteração em relação aos anos anteriores, dado que no ano transato essa percentagem era de 46%, sendo de 44% em 2013/14 e de 63% em 2012/13.

A forma como a informação circula continua a levantar bastantes reservas entre os assistentes, visto que **28%** considera que “**circula bem**”, sendo de **23%** a

percentagem dos que considera o **contrário** e de **48%** a dos que “**nem concorda, nem discorda**”.

Quanto ao funcionamento do **refeitório escolar**, afigura-se difícil considerar a opinião expressa, dado que apenas **cinco assistentes o frequentam** – destes há dois que não estão nada satisfeitos, outros tantos que o estão medianamente e um que está totalmente satisfeito com o serviço prestado.

No que concerne à **segurança**, a visão dos assistentes agravou-se um pouco, dado que passou de 58% para **43%** a percentagem dos que consideram a **ESIC** uma escola **segura** (recorde-se que essa percentagem já foi de 73%, no ano 2012/13).

## CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Em função dos dados recolhidos, e na sequência de algumas reflexões que foram sendo feitas a propósito dos mesmos, apresentam-se agora algumas conclusões e sugestões que se nos afiguram mais pertinentes. Seguir-se-á, para tal, a mesma estrutura apresentada por este Relatório, de acordo com os vários Domínios, Campos e Parâmetros analisados.

No que respeita ao domínio **Resultados**, e mais concretamente no que ao campo Resultados académicos concerne, recordemos, uma vez mais, que os dados de que dispomos englobam escolas públicas e privadas sem qualquer distinção, para além de que não têm em consideração os resultados esperados, isto é, os que variam em função do meio económico, social e cultural em que os alunos estão inseridos. Simultaneamente, convirá também não esquecer que a avaliação interna, como também já dissemos, contempla Instrumentos de verificação e Critérios de referência próprios que, naturalmente, não se coadunam com a natureza da avaliação externa.

Feita esta salvaguarda, importará, parece-nos, continuar a perseguir estratégias que, por um lado, concretizem a redução do diferencial avaliação interna/avaliação externa (muito particularmente no 9º ano e nas disciplinas do ensino secundário em que tal diferencial é recorrente) e, por outro, se traduzam na efetiva melhoria dos resultados académicos dos nossos alunos. É isso que se espera de uma escola que se pretende de referência.

Quanto aos resultados sociais, e em função dos dados apresentados pelo PCI, entendeu a CAI trocar algumas impressões informais com o psicólogo, Dr. Júlio França, de modo a procurar perceber a razão de ser do aumento tão considerável de ocorrências registadas ao longo do ano letivo 2015/16. E a conclusão a que se chegou é que, com alguma frequência, as razões que levam à saída dos alunos da sala de aula e conseqüente condução para os Serviços técnico pedagógicos (STP) não serão de natureza tão grave que justifiquem a sua inclusão nas ocorrências de Tipo 1. Aliás, muitas delas, pelo que percebemos, poderiam e deveriam mesmo ser resolvidas em contexto de sala de aula. Assim, sugere-se que, eventualmente, as situações até agora incluídas na primeira tipologia possam passar a ser alvo de uma “triagem”, de modo a que apenas as mais graves de entre elas sejam contabilizadas. Tal sugestão não implica, como é evidente, que aquelas sejam “esquecidas”, mas o seu tratamento poderia passar pelo DT, em colaboração com o docente envolvido. Porém, convirá não esquecer que os dados apresentados

pelo PCI e os apurados através dos questionários a docentes e assistentes, deverão ser alvo de uma ponderação muito cuidada, face à realidade que traduzem. Assim, pensamos que, em estreita colaboração com a Direção e com os DT, a equipa dos STP poderia desenvolver uma efetiva sensibilização de alunos e EE, particularmente de 7º ano, logo no início do ano letivo, mais especificamente aquando das receções. Procurar-se-ia, assim, o envolvimento de todos na melhoria dos resultados sociais, o que, naturalmente, não só se reflectiria nos resultados académicos como entronca nos objetivos do PCI, nomeadamente nos que visam «melhorar o comportamento e a disciplina na sala de aula», «melhorar o ambiente escolar», «envolver alunos (...) e encarregados de educação na resolução dos problemas de indisciplina» e, conseqüentemente, «melhorar os resultados escolares dos alunos». De resto, convirá não esquecer que, antes de mais, há que valorizar o estudo e o trabalho. Por isso mesmo, estes momentos poderiam servir também para sensibilizar os envolvidos para a importância de aproveitar todos os recursos que a escola coloca ao dispor dos alunos, como as atividades de acompanhamento ao estudo, os Roteiros d'escrita, o reforço pedagógico, a preparação para os exames ou a sala de estudo, que, de acordo com os dados recolhidos, parecem não ser devidamente valorizados. Esta sensibilização, que, sublinhe-se, deveria decorrer em estreita colaboração com os DT, seria, naturalmente, um modo de envolver e responsabilizar os EE pelo empenho e desempenho escolar dos seus educandos.

No que concerne ao domínio **Prestação de serviço educativo**, parece fundamental continuar a “investir” no trabalho colaborativo. Aliás, face aos resultados académicos que se verificam em algumas disciplinas e anos, continua a parecer necessário que, com vista à melhoria do trabalho de pares, os diferentes grupos disciplinares “afinem” estratégias, perseguindo, por um lado, a concretização cada vez mais aprofundada de um trabalho colaborativo que tenha como centro os alunos e se concretize na troca de experiências e de práticas de sala de aula e, por outro lado, que se traduza na aplicação, tão rigorosa quanto possível e desejável, dos Critérios de avaliação. Será por isso fundamental que se continue a apostar fortemente nesta vertente, com vista à sua otimização, seja através de formação específica, seja através de momentos comuns para encontros entre os docentes que partilham os mesmos anos de escolaridade, seja através de trocas de impressões informais entre pares. O que nos parece é que importa continuar a alterar comportamentos, dado que, como sabemos, da troca de experiências e de opiniões resulta uma aprendizagem que não se pode menosprezar, pelo que se espera que haja da parte de todos vontade e abertura para a valorizar.

Mas para que tal seja possível, será igualmente importante que se valorizem as boas práticas e que se pense o trabalho docente como um todo, o que implicará, quer parecer-nos, algum “investimento” por parte da Direção. É que os dados recolhidos através dos questionários ao pessoal docente no âmbito do domínio **Liderança e gestão** sugerem a necessidade de alguma reflexão no que a estes dois campos diz respeito. Por um lado, e apesar de algum agravamento dos resultados, continua a ser notória a valorização e reconhecimento das capacidades de liderança, diálogo e mobilização das lideranças intermédias, bastante mais valorizadas que as da Direção. Por outro lado, como sabemos, é do senso comum que para que o trabalho a desenvolver atinja os objetivos pretendidos é necessário que os envolvidos se sintam devidamente valorizados. Por isso mesmo, quando apenas metade do pessoal docente se sente plenamente satisfeito com o serviço que lhe é distribuído e com o horário atribuído e 60% considera a ESIC a “sua” escola, fácil será perceber que a prossecução dos objetivos pretendidos para que a nossa seja uma escola de excelência será mais difícil de alcançar. O mesmo se poderá dizer em relação aos assistentes, já que, sendo muito elevada a percentagem dos que mostram a sua satisfação por trabalharem na ESIC (86%), é também considerável a dos que afirmam que os seus contributos para o funcionamento da escola não são valorizados. Dado que, quer dos questionários dos docentes, quer dos dos assistentes, se infere uma certa insatisfação, chama-se a atenção para a importância e papel destes agentes, fundamentais para o bom funcionamento de qualquer estabelecimento de ensino e para que seja possível atingir o patamar de excelência que perseguimos. Por isso mesmo, o seu bem-estar deve ser uma preocupação constante, pelo que se sugere alguma reflexão, de modo a minimizar a insatisfação transmitida. Há, pois, que “investir” no pessoal docente e não docente e que valorizar o seu trabalho – estamos cientes de que só assim todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, a ESIC, sairão recompensados.

Os resultados a que se chegou através dos questionários aplicados a alunos e EE apontam para a necessidade de continuar a melhorar as condições de segurança da escola, nomeadamente através de uma vigilância interna mais atenta, seja pelos AO, seja, pontualmente, por elementos da Direção, particularmente em pontos e momentos considerados mais críticos. Também no que respeita à limpeza dos espaços escolares há que, dentro do possível, continuar a desenvolver um esforço de melhoria, embora não possamos esquecer que a ESIC continua a debater-se com falta de AO. Apesar do trabalho desenvolvido por parte da chefia destes assistentes para que tudo corra pelo melhor, é fácil perceber a dificuldade na obtenção de resultados quando os meios humanos escas-

seiam. No entanto, e dado que, como sabemos, os alunos são os principais responsáveis pelas condições de pouca higiene com que nos deparamos diariamente, responsabilizá-los pode ser uma boa forma de conseguir minimizar o problema. O que se continua a sugerir é que eles sejam chamados a desempenhar um papel relevante, no sentido de, através da prática de comportamentos cívicos, evidenciarem, antes de mais, hábitos de higiene, mas também de limpeza, sempre que necessário. Eventualmente, poderiam ser levadas a cabo ações de sensibilização que passassem pelo registo e divulgação de situações concretas, particularmente nas salas de aula, através de fotografias com que EE e alunos fossem confrontados.

Quanto ao bufete, e em função das questões levantadas pelos alunos, quer parecer-nos que seria interessante alguma ação que se consubstanciasse num controlo efetivo das senhas indicativas da ordem de chegada, que deveriam ser sempre recolhidas pelos funcionários, ou a organização de filas para o atendimento, o que permitiria, eventualmente, reduzir o tempo de espera. Por outro lado, conviria, talvez, repensar o tipo de atendimento prestado, particularmente no que respeita ao horário e cumprimento dos pedidos feitos pelos alunos. Às vezes, como já dissemos, há pequenos acertos que representam melhorias consideráveis. Por outro lado, o refeitório escolar continua a levantar problemas, particularmente devido à qualidade dos alimentos servidos, mas também à (falta de) higiene, o que se revela muito preocupante. Dada a gravidade das questões apresentadas pelos alunos (cabelos na comida e talheres mal lavados), sugere-se à Direção uma atenção e vigilância permanentes por parte dos responsáveis pelo espaço em causa, preferencialmente em colaboração com a APESCA, assim como o estabelecimento de contactos informais com os utilizadores, de modo a tentar perceber em tempo real se há, de facto, razões para queixa em relação à higiene, como os alunos referem. No que respeita à qualidade das refeições servidas, poderia ser desenvolvida uma ação que consistisse em, através de um questionário, auscultar os alunos que frequentam o refeitório, pedindo-lhes que apresentassem sugestões para as refeições (auscultação que, naturalmente, teria que ter em consideração os produtos a promover, de acordo com as orientações do Ministério). A partir dos dados recolhidos e do confronto com as indicações da tutela, poderia depois ser desenvolvido um trabalho de sensibilização, junto de EE e alunos, no sentido de os levar a alterar hábitos alimentares. No entanto, quer parecer-nos que, para que este trabalho pudesse vir a dar frutos, seria imprescindível que o refeitório apresentasse um serviço absolutamente irrepreensível, tanto a nível da qualidade das ementas como no que à higiene diz respeito. É isso que se espera dum serviço deste género e duma escola de referência.